



A relevância da avaliação e da intervenção neuropsicopedagógica

  <https://doi.org/10.56238/cienciasaudeestuepesv1-094>

Ieda Francisco de Azevedo

Graduada em Pedagogia pela Unip, São Paulo, SP, Brasil
Atua como professora EI e EFI na Rede Adventista de Ensino - São Paulo/SP
E-mail: azevedo.ieda6@gmail.com

Sandra Ap. do Nascimento Santos

Graduada em Pedagogia pelo Sumaré Centro Universitário, São Paulo/SP – Brasil.
Atuou como professora de EI e EFI, ciclo de alfabetização, na rede Adventista de Ensino, em São Paulo/SP, por 8 anos.
Professora de EFI, ciclo de alfabetização, na Prefeitura Municipal de São Paulo/SP – Brasil
E-mail: sandra.jardimb@hotmail.com

Zilda Santos Nascimento de Almeida

Graduada em Pedagogia pela Faculdade de São Paulo, São Paulo-SP
Atua como professora EFI na Rede Estadual de São Paulo.
E-mail: zilda.nalmeida@gmail.com

RESUMO

Introdução/contextualização: O Ensino Fundamental I é a fase mais relevante da escolarização da criança tendo em vista de que é o momento em que se consolida seu desenvolvimento colocando em prática as habilidades necessárias para a apreensão da escrita, da leitura e das operações matemáticas básicas.

É nesse período de aprendizagens que se evidenciam as peculiaridades do aprender de cada criança, peculiaridades estas que também são externadas por meio da dificuldade na apropriação dos conteúdos propostos e que se demonstram no baixo rendimento acadêmico e dão origem a questionamentos quanto a capacidade de aprender da criança. Objetivo: Este trabalho experimental se propõe a discorrer sobre o processo de avaliação neuropsicopedagógica, a identificação dos fatores que interferem no processo de aprendizagem do sujeito aprendente e demonstrar a relevância deste profissional, o neuropsicopedagogo, no resgate do prazer do aprender. Método: Foram aplicados testes neuropsicopedagógicos, que propiciaram a obtenção de dados relevantes do aprendente quanto ao seu nível de desenvolvimento,

identificação da maneira como se apropria do conhecimento e das interferências neste processo.

Desenvolvimento/resultados: Após a aplicação dos testes constatamos que o aprendente experimenta interferências significativas nas áreas cognitiva, psicomotora, pedagógica e socioemocional requerendo acompanhamento pedagógico diferenciado e intervenção neuropsicopedagógica.

Conclusão/considerações finais: Inferimos a relevância da avaliação e da intervenção neuropsicopedagógica no processo da reconstrução da autoestima, da convicção do sujeito em sua capacidade de superar as limitações que se interpõe na apreensão de conhecimento e do resgate do prazer do aprender.

Palavras-chave: Avaliação neuropsicopedagógica, Neuropsicopedagogia, Intervenção psicopedagógica.

ABSTRACT

Introduction/contextualization: Elementary School I is the most relevant phase of the child's schooling because it is the time when his/her development is consolidated, putting into practice the necessary skills for the apprehension of writing, reading and basic mathematical operations.

It is in this learning period that the peculiarities of each child's learning become evident, peculiarities that are also expressed through the difficulty in appropriating the proposed content and that are demonstrated in the low academic performance and give rise to questions about the child's ability to learn. Objective: This experimental work aims to discuss the neuropsychopedagogical evaluation process, the identification of factors that interfere in the learning process of the learning subject, and to demonstrate the relevance of this professional, the neuropsychopedagogue, in the rescue of the pleasure of learning. Method: Neuropsychopedagogical tests were applied, which provided relevant data of the learner regarding his level of development, identification of the way he appropriates knowledge, and the interferences in this process.

Development/results: After applying the tests we found that the learner experiences significant interferences in the cognitive, psychomotor,

pedagogical and socioemotional areas requiring differentiated pedagogical follow-up and neuropsychopedagogical intervention.

Conclusion/final considerations: We infer the relevance of neuropsychopedagogical assessment and intervention in the process of rebuilding self-esteem, of convincing the subject of his/her capacity to

overcome limitations that stand in the way of learning, and of rescuing the pleasure of learning.

Keywords: Neuropsychopedagogical assessment, Neuropsychopedagogy, Psychopedagogical intervention.

1 INTRODUÇÃO

A Psicopedagogia surgiu a partir da necessidade de compreender-se como se dá o processo de aprendizagem, associando conhecimentos da Psicologia, da Pedagogia e da Neurologia. Nádya Bossa, 2019 menciona a definição de Psicopedagogia do psicopedagogo brasileiro Kiguel:

o objeto central de estudo da Psicopedagogia está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos – bem como a influência do meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento (1991, p. 24)

A atuação do psicopedagogo deve promover a aprendizagem, a inclusão social e escolar, compreender e propiciar ações e intervenções mediante as dificuldades de aprendizagem, ampliar os estudos científicos e pesquisas relativos ao processo de ensino-aprendizagem nos diferentes níveis e modalidades da educação.

O psicopedagogo busca não só compreender o porquê de o sujeito não aprender algumas coisas, mas o que ele pode aprender e como. A busca desse conhecimento inicia-se no processo diagnóstico, momento em que a ênfase é a leitura da realidade daquele sujeito, para então proceder a intervenção que é o próprio tratamento ou o encaminhamento. (BOSSA 2007, p.94.)

A associação da Psicopedagogia com as Neurociências deu origem à Neuropsicopedagogia que, de acordo com o Código de ética do neuropsicopedagogo, no Artigo 10, é uma ciência transdisciplinar, fundamentada nos conhecimentos das Neurociências pertinentes à educação, determinando conexões entre a Pedagogia e a Psicologia Cognitiva; cujo o objeto de estudo é a relação entre o funcionamento do sistema nervoso e a aprendizagem nas perspectivas pessoal, afetiva, social e educacional.

Este profissional atua na prevenção das dificuldades de aprendizagem e do fracasso escolar tanto no que diz respeito ao aluno quanto de todos os envolvidos no processo de aprendizagem, propondo ações que favoreçam e enriqueçam o processo ensino-aprendizagem. Também atua de maneira terapêutica quando a dificuldade de aprendizagem está implantada. O Neuropsicopedagogo deve atuar enfaticamente na superação da dificuldade e, assim, contribuir para o resgate “do prazer de aprender” e do “aprender a aprender” e construir o “verdadeiro desejo de aprender”.

De acordo com Bossa, 2011, página 67:

A Psicopedagogia clínica procura compreender de forma global e integrada os processos cognitivos,

emocionais, sociais, culturais, orgânicos e pedagógicos que interferem na aprendizagem, a fim de possibilitar situações que resgatem o prazer de aprender em sua totalidade, incluindo a promoção da integração entre pais, professores, orientadores educacionais e demais especialistas que transitam o universo educacional do aluno.

O diagnóstico psicopedagógico é um processo de investigação que utiliza diferentes instrumentos para avaliar os vários aspectos que constituem o sujeito aprendente: pedagógico, cognitivo, socioemocional e psicomotor, por isso afirmamos que tem caráter investigativo. A este respeito Rubinstein salienta:

O psicopedagogo é como um detetive que busca pistas, procurando solucioná-las, pois algumas podem ser falsas, outras irrelevantes, mas a sua meta fundamentalmente é investigar todo o processo de aprendizagem levando em consideração a totalidade dos fatores nele envolvidos, para valendo-se desta investigação, entender a constituição da dificuldade de aprendizagem. (RUBINSTEIN, 1987, p. 51)

Também possui caráter interventivo porque por meio da investigação obtém resultados que propiciam a identificação das intervenções adequadas a cada caso propiciando a superação das dificuldades de aprendizagem e o resgate do prazer do aprender.

Seu caráter contínuo indica a necessidade de acompanhamento ininterrupto para propiciar qualidade de vida.

A Psicopedagogia utiliza instrumentos específicos que auxiliam no processo investigativo do diagnóstico, neste estudo foram utilizados: EOCA, avaliação psicomotora, as provas operatórias de Piaget, TDE (Teste de Desempenho Escolar), autorregulação emocional, autorregulação cognitiva e avaliação socioemocional.

O objetivo do presente estudo foi, por meio da análise dos resultados obtidos nos testes aplicados, elaborar informe psicopedagógico com a apresentação do diagnóstico e hipótese para planejamento e acompanhamento do processo de intervenção psicopedagógica.

A presente pesquisa aborda o Trabalho Experimental - Avaliação psicopedagógica de uma criança de 9 anos que identificaremos como NBR.

2 METODOLOGIA

A pesquisa exploratória refere-se a uma avaliação neuropsicopedagógica na qual foram avaliadas as áreas psicomotora, cognitiva, pedagógica e afetivo-social por meio de instrumentos qualitativos e quantitativos.

Os instrumentos quantitativos referem-se aos testes: TDE (Teste de Desempenho Escolar), a Avaliação Psicomotora e as provas operatórias piagetianas. Quanto aos instrumentos qualitativos nos referimos as avaliações: socioemocional, autorregulação emocional e a autorregulação cognitiva.

A participação da criança foi voluntária, por meio da indicação da unidade escolar em que está matriculada e mediante a autorização dos pais e/ou responsáveis constatada em documento assinado que

delinea os objetivos do projeto de pesquisa, o tipo de participação e a ausência de prejuízos ou danos ao participante.

A avaliação foi viabilizada por testes específicos da área neuropsicopedagógica. Após a aplicação dos testes, foi elaborada a devolutiva para os pais da criança e para a unidade escolar com as orientações e encaminhamentos necessários.

3 DESENVOLVIMENTO: TRABALHO EXPERIMENTAL

3.1 RESULTADOS

3.1.1 Dados pessoais do cliente.

A criança NBR tem 9 anos e é aluna do 4º ano do Ensino Fundamental I.

3.1.2 Motivo da avaliação – encaminhamento.

A criança apresenta dificuldade no processo de aprendizagem.

3.1.3 Período da avaliação e número de sessões.

A avaliação ocorreu em 4 domingos e em 7 sessões nas seguintes datas: 23 de maio, 20 de junho, 01 e 15 de agosto.

3.1.4 Instrumentos usados e autores.

- Avaliação Psicomotora, Gislene de Campos Oliveira, 2003.
- Avaliação Operatória, Edna Rosa Correia Neves, 2ª versão, 2019.
- TDE – Teste de Desempenho Escolar, Lilian Milnitsky Stein, 1994.
- Protocolo: Autorregulação Emocional, Edna Rosa Correia Neves, 2019 adaptado de Iachite, R. T., Azzi, R. G., 2007.
- Protocolo: Autorregulação Cognitiva, Edna Rosa Correia Neves, 2ª versão, 2020.
- Avaliação socioemocional – Caixa de areia e par educativo, Edna Rosa Correia Neves, 2ª versão, 2019.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS NAS DIFERENTES ÁREAS: COGNITIVA, CORPORAL, AFETIVO-SOCIAL, PEDAGÓGICA

4.1 ÁREA COGNITIVA

Cognição refere-se à nossa capacidade de processar e transformar informações em conhecimento por meio de processos cognitivos que envolvem: memória, atenção, percepção, categorização, raciocínio. Também requer do sujeito aprendente maturação cognitiva e aquisição de habilidades específicas que são desenvolvidas em estágios de desenvolvimento delineados habilmente por Jean Piaget (1896-1980), biólogo e cientista suíço.

Helen Bee e Denise Boyd, 2011, mencionam que, de acordo com Piaget,:

[...]cada um dos estágios passados corresponde a um nível mais ou menos elementar ou elevado da hierarquia das condutas. Mas cada estágio corresponde também à características momentâneas e secundárias, que são modificadas pelo desenvolvimento ulterior, em função da necessidade de melhor organização. Cada estágio constitui então, pelas estruturas que o definem, uma forma particular de equilíbrio, efetuando-se a evolução mental no sentido de uma equilibração sempre mais completa. (PIAGET, 1999, p. 15).

De acordo com Piaget, experienciamos quatro estágios: sensório-motor (de 0 a 2 anos), pré-operacional (de 2 a 7 anos), operações concretas (de 7 a 11 ou 12 anos) e operações formais (por volta dos 12 anos). Piaget traz conceitos de extrema relevância como assimilação, acomodação e equilibração; discorre à respeito da reversibilidade, inclusão de classes e do uso da lógica indutiva e da dedutiva e da importância dessas habilidades para a aprendizagem da criança.

A avaliação cognitiva se propõe a investigar os processos de aprendizagem e de aquisição do conhecimento do sujeito e é utilizada para determinar as habilidades gerais de pensamento e raciocínio lógico.

4.1.1 Resultado da prova operatória

Tabela 1 – Resultados da Avaliação Cognitiva

PROVAS COGNITIVAS					
CONSERVAÇÃO				SERIAÇÃO	INCLUSÃO DE CLASSES
Comprimento	Massa	Líquido	Quantidade		
INTERMEDIÁRIO	PRESENTE	INTERMEDIÁRIO	INTERMEDIÁRIO	INTERMEDIÁRIO	INTERMEDIÁRIO
O	E	O	O	O	O

4.1.2 Análise Crítica do Desempenho do Participante

A criança NBR apresentou os seguintes resultados: na prova de conservações espaciais – conservação de comprimento – no material A nas 1ª e 2ª situações demonstrou não conservar, no entanto, ao final na 3ª situação concluiu que as varinhas possuíam o mesmo tamanho e que ao mudar a posição, seja para a esquerda ou para a direita, “parecia” ser maior. No material B, demonstrou conservar sem hesitação. Mediante a oscilação nas respostas, consideramos nível 2.

Na prova de conservação de quantidade contínua – conservação de substância - NBR demonstrou conservar e argumentou de maneira clara justificando suas respostas. Argumento de reversibilidade ao responder a quantidade e comparação de MASSAS, afirmou que se voltar a fazer a bola terá a mesma quantidade de massa que a outra bola. Consideramos nível 3, conservação presente.

Na prova de conservação das quantidades descontínuas – transvazamento dos líquidos - consideramos nível 2, intermediário, por observarmos hesitação ao responder e mediante as justificativas que, em vários momentos, foram confusas. Argumento de compensação ao afirmar que um recipiente era mais alto que o outro. Precisou tocar nos vasilhinhos para constatar que tinham a mesma quantidade.

Na prova de conservação numérica – quantidade - notamos oscilação nas respostas e classificamos como nível 2, intermediário. Argumento de compensação, respondeu referente ao tamanho e não as quantidades.

Na prova de seriação, NBR, também apresentou respostas oscilantes, portanto, seu resultado foi nível II, intermediário.

Na prova de inclusão de classes (flores) NBR demonstrou possuir a noção de classificação quanto aos tipos de flores, no entanto, ao ser questionado se havia mais flores ou margaridas prontamente respondeu mais margaridas. Notamos que a criança respondeu instintivamente sem reflexão.

Conclui-se que seu desempenho não foi compatível ao nível de desenvolvimento cognitivo proposto para sua faixa etária. A criança deveria estar no estágio operatório-concreto, no entanto encontra-se no estágio intermediário entre a pré e as operações concretas.

4.1.3 Resultado Autorregulação cognitiva

Mediante o teste de Autorregulação cognitiva constatamos que NBR não apresenta estratégias cognitivas e metacognitivas, pois com frequência busca apoio externo para sanar suas dúvidas. Observamos que NBR percebe sua dificuldade identificando-a quando não consegue responder a um desafio de imediato; desta forma não propicia a si o desenvolvimento de possíveis estratégias e alimenta sua insegurança ao executar suas atividades escolares o que evidencia seu vínculo negativo com a aprendizagem.

O processamento da memória ocorre continuamente no nível superficial. Possui Motivação Extrínseca por buscar suporte externo como uma necessidade essencial e não demonstrar nenhuma estratégia interna.

Conclui-se que o sujeito apresenta pouco controle e pouca reflexão sobre o seu próprio processo de aprendizagem: estratégias cognitivas e metacognitivas superficiais.

4.2 ÁREA PSICOMOTORA

De acordo com a Associação Brasileira de Psicomotricidade, psicomotricidade é a ciência que estuda o ser humano por meio do “corpo em movimento em relação ao seu mundo interno e externo.” Relaciona-se ao processo de maturação e aprendizagem, no qual o corpo é a origem das aquisições afetivas, orgânicas e cognitivas.

Vítor da Fonseca (1996, pg. 36) define psicomotricidade da seguinte maneira:

“A psicomotricidade visa privilegiar a qualidade da relação afetiva, a mediatização, a disponibilidade tônica, a segurança gravitacional e o controle postural, à noção do corpo, sua lateralização e direcionalidade e a planificação praxica, enquanto componentes essenciais e globais da aprendizagem e do seu ato mental concomitante. Nela o corpo e a motricidade são abordados como unidade e totalidade do ser. O seu enfoque é, portanto, psicossomático, psicocognitivo, psiquiátrico, somato-analítico, psiconeurológico e psicoterapêutico.”

Por meio desta definição conseguimos compreender que a psicomotricidade envolve muito além do que apenas o desenvolvimento muscular do corpo, mas “é a relação entre o pensamento e a ação, envolvendo também a emoção... procura educar o movimento, ao mesmo tempo em que desenvolve as funções da inteligência”, como afirma Nascimento e Machado, 1986.

A psicomotricidade compreende: equilíbrio, lateralidade, esquema corporal, estruturas espaciais e temporais, percepção visual, tátil e auditiva e praxias global e restrita.

O desenvolvimento psicomotor adequado prepara a criança para a aquisição das habilidades relevantes às aprendizagens durante toda a sua vida acadêmica. Ambiente estimulador é aquele que propicia experiências sensoriais, sociais e afetivas. Essas experiências propiciam à criança avançar da inteligência prática à reflexiva, essencial às aprendizagens da leitura e escrita.

Tabela 2. Resultados da Avaliação Psicomotora

Habilidades psicomotoras	Pontos	Estágios de desenvolvimento						
		I	IA	IB	II	IIA	IIB	III
Coordenação e equilíbrio	31						X	
Esquema Corporal	27,5						X	
Lateralidade	32						X	
Orientação espacial	25						X	
Orientação temporal	27						X	

4.2.1 Análise Crítica do Desempenho do Participante

Os resultados indicaram que NBR está no estágio IIB o que evidenciou “*indicius de presença de corpo representado*” compatível com a idade entre 10 e 11 anos adequada à sua idade cronológica.

Observamos que NBR apresenta tonicidade adequada para a idade, manuseia os objetos necessários com desenvoltura, realiza os movimentos restritos requeridos com proficiência assim como os movimentos amplos demonstrando desenvolvimento proficiente das coordenações motoras restrita e ampla.

Possui bom equilíbrio estático e dinâmico, sua marcha é adequada para a idade. Em alguns momentos notamos movimentos limitados, atribuímos isso ao fato de estar sobrepeso. Possui postura adequada no caminhar, ao sentar-se e ao ler e escrever. Articula bem as palavras, mas sua comunicação por vezes é comprometida pela limitação de vocabulário ou de conhecimento sobre determinados temas.

NBR tem esquema corporal internalizado que pode ser observado no desenho de si que é rico em detalhes.

Sua capacidade de se localizar em acontecimentos passados e de se projetar no futuro, assim como a organização cronológica de eventos é excelente, no entanto, notamos que não possui noção de estruturação temporal quanto ao conhecimento formal: número de dias da semana e do mês, nomes dos dias da semana e dos meses que compõem o ano, não soube mencionar quando ocorre as datas comemorativas como Natal e Ano novo e demonstrou desconhecimento das estações do ano mencionando apenas duas, inverno e verão. Também não consegue ler a hora em relógio analógico.

Quanto ao ritmo, sequência de sons no tempo e duração, memória auditiva, diferenciação de sons, reconhecimento das frequências são adequadas.

Sua estruturação espacial e lateralidade são adequadas à idade, notamos que movimenta-se adequadamente pelo espaço e possui noção de localização de si e dos objetos tendo como referência o corpo ou os objetos presentes no ambiente. A criança possui dominância do lado direito.

Podemos concluir que nesta área seu desenvolvimento está adequado à idade cronológica e ao esperado para a fase embora tenhamos identificado uma lacuna na aprendizagem formal quanto à orientação temporal.

4.3 ÁREA SOCIOEMOCIONAL

A família constitui o primeiro espaço de aprendizagens da criança, onde se tem contato inicial com as regras e com os valores que norteiam a cultura na qual está inserida e se apreende as primeiras figuras de autoridade, pai e mãe. A família, nesta perspectiva, é a mediadora da relação entre o 'sujeito e a sociedade. É na família em que se adquire a percepção de mundo e onde se constrói a identidade.

À esse respeito MATURANO, (1998) escreveu:

Através das experiências e relações interpessoais, a família pode promover o desenvolvimento intelectual, emocional e social da criança. Ela pode criar situações no dia-a-dia que estimularão esses aspectos, desde que esteja desperta para isso. Além disso, a participação da criança nas atividades rotineiras do lar e a formação de hábitos também são importantes na aquisição dos requisitos básicos para a aprendizagem, pois estimulam a organização interna e a habilidade para o 'fazer', de maneira geral.

Enrique Pichon Rivière (1907 - 1977), psiquiatra e psicanalista francês-suíço nacionalizado argentino, constrói a Teoria do Vínculo e afirma: "como o esquema referencial fundamental e básico, definindo-a como vincular e intravincular". O vínculo é estabelecido desde a vida intrauterina por meio, inicialmente, da voz dos pais e familiares e, após o nascimento com o mundo exterior por meio da mãe. A teoria do vínculo aponta que em todo grupo as relações são caracterizadas pelos papéis e funções de cada um. Nessa perspectiva, cada membro do grupo familiar tem um papel definido a cumprir e a maneira como age, comunica, pensa e sente influenciará no funcionamento desse grupo. Por mais tumultuados e conflituosos que sejam, os vínculos refletem a dinâmica interna do grupo em que se está inserido. Os vínculos podem ser conscientes ou inconscientes, Esta teoria concebe o indivíduo como uma totalidade constituída por três dimensões: mente, corpo e o mundo exterior.

[...] não é a razão que nos leva à ação, mas a emoção. [...] O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro, e ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre o tempo todo de maneira recíproca. [...] Como vivermos é como educaremos, e conservaremos no viver o mundo o mundo que vivermos como educandos. E educaremos outros com nosso viver com eles, o mundo que vivermos no conviver.(MATURANA,1998, p. 23, 29 e 30)

A família e a escola compartilham o papel relevante de formadores tendo como objetivo essencial educar e ensinar o sujeito. A escola é o espaço secundário de aprendizagem, o mediador das relações estabelecidas e figura de autoridade é o professor.

A Avaliação sócioemocional tem por objetivo identificar os recursos emocionais aos quais a criança recorre mediante suas vivências familiares e escolares, propicia a investigação e compreensão de sintomas como: alterações de comportamento, sinais de ansiedade, tristeza, agressividade, isolamento, dificuldades no sono, medos e desmotivação escolar, assim como permite identificar como se relaciona com a aprendizagem, como reage às frustrações e como externa suas emoções. O desenvolvimento socioemocional propicia ao sujeito apreender habilidades sociais, emocionais e acadêmicas relevantes em sua vivência profissional e pessoal.

Sergio Leite e Elvira Tassoni afirmam:

[...] a presença contínua da afetividade nas interações sociais, além da sua influência também contínua nos processos de desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, pode-se pressupor que a interação que ocorre no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos. Pode-se supor, também, que a afetividade se constrói como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os diversos objetos do conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas. (LEITE e TASSONI, 2000, p. 9-10)

4.4 RESULTADO AVALIAÇÃO - SOCIOEMOCIONAL

4.4.1 EOCA (ENTREVISTA OPERATÓRIA CENTRADA NA APRENDIZAGEM)

Temática

NBR é uma criança comunicativa, articula as palavras corretamente, expressa suas ideias e opiniões com clareza e relata fatos com detalhes.

A criança demonstrou interesse em manter diálogo enquanto explorava a caixa. Narrou com desenvoltura eventos positivos e negativos que vivenciou em família e entre os amigos da escola, suas preferências quanto à brincadeiras, jogos e por desenhar. Só expressou descontentamento e tristeza quando questionado sobre como sentiu-se em determinada situação compartilhada com as observadoras. Mencionou ter muitas borrachas que ganhou da mãe, sobre a forma correta de usar a cola e sobre sua régua que quebrou e como ele conseguiu consertá-la.

Foi questionado quanto aos possíveis amigos que tem e mencionou os da escola, mas enfatizou o fato de que seus amigos nem sempre o trata bem, mas que mesmo assim ele gosta de estar com eles e de ser amigo deles. Mencionou o incidente com a bola quando um dos amigos acertou a bola em seu rosto, a criança demonstrou preocupação em justificar o fato enfatizando várias vezes de que foi “sem querer, foi um acidente” diferente da maneira como relatou o incidente com o tio, quando este prendeu o dedo dele na porta também acidentalmente.

4.4.2 Dinâmica

Demonstrou desenvoltura e interesse no que foi proposto, em momento algum foi notada insegurança, constrangimento ou timidez. Sentou-se no lugar indicado, com postura correta apoiando as costas na cadeira.

Demonstrou curiosidade e interesse por todos os objetos que estavam na caixa, os manuseou com firmeza adequada e indicou os que ele conhecia e já utilizou e em que contexto os utilizou. Referiu-se a cada jogo que conhecia com vivacidade e evidenciou o conhecimento sobre as regras e como se brinca.

Se expressou com clareza, emitiu opiniões e ideias sobre o que encontrou na caixa, sua fala foi tranquila, com ritmo e tom apropriados não sendo observada ansiedade.

A criança apresenta agilidade na execução de atividades sejam de escrita, desenho ou jogos como também nas atividades físicas, que exijam movimentos do corpo todo. Manuseou o lápis e a tesoura com proficiência.

Retirou e devolveu os objetos da caixa em sequência. Ao retirar os objetos da caixa evidenciou sua autonomia, mas também acentuada preocupação com a organização, colocando-os lado a lado ou abaixo um do outro em ordem como pode ser constatado nas fotos anexas. Após guardar todos os objetos retirados da caixa, levantou-se e ajeitou a mesa também.

Durante o atendimento, ao manusear a revista que estava na caixa, afirmou não ler bem, mas ao ser desafiado a ler uma frase na revista, aceitou prontamente o desafio. Não observamos dificuldade na leitura.

4.4.3 Produto







4.4.4 Análise Crítica do Desempenho do Participante: Questões subjetivas

Percebemos o NBR como uma criança comunicativa, organizada e participativa. Não resistiu ou recusou realizar as atividades propostas ou responder a algum questionamento.

Estabeleceu diálogo mediante à exploração da caixa indicando conhecimento ou não do objeto extraído. Evitou mencionar tristeza ou descontentamento diante de uma situação compartilhada ou frustração com o jogo, apenas relatou como se sentia quando foi questionado à respeito o que evidencia resistência em expressar seus sentimentos.

Sua postura durante a entrevista e o fato de não relatar dificuldade ou desconforto quanto a execução das atividades na escola nos auxilia a deduzir que possivelmente tenha um bom desempenho acadêmico.

4.5 CAIXA DE AREIA E PAR EDUCATIVO

4.5.1 CAIXA DE AREIA E PAR EDUCATIVO (1ª)

4.5.1.1 A temática

Observadora 1: Não é gostoso você sentir a areia? É muito bom, né? O que você acha?

NBR: “- É bom!!”

Observadora 1: Aqui na mesa, olha, tem bastante material aqui, tá bom? Tem água aqui também. Nessa atividade que você vai realizar agora, nós precisamos que você faça um cenário, você sabe o que é um cenário?

(A criança confirmou que sim.)

Observadora 1: Você gosta de contar histórias ou ouvir histórias? (Confirmou que sim com a cabeça.)

Observadora 1: Do que você gosta, de contar histórias ou ouvir histórias?

NBR: “- De ouvir.”

Observadora 1: De ouvir!! Quem que conta historinhas pra você em casa?

NBR: “- Meu pai ou minha mãe.”

Observadora 1: Que legal!

Então nessa caixa que tem aqui você vai poder escolher qualquer material que tá aí dentro e vai poder utilizar nesta caixa, e você vai montar pra nós um cenário com uma pessoa ensinando e a outra aprendendo! Deu pra entender?

NBR: (Confirmou gesticulando com a cabeça.)

Observadora 1: Então você vai montar uma historinha pra nós de uma pessoa que está ensinando e outra pessoa aprendendo. Então você escolhe o que você quer colocar aqui. Você pode usar água se quiser, use o que você quiser, o que você escolher.

NBR: “- Eu tinha desse carrinho aqui!” (Com o carrinho na mão, antes de posicioná-lo na areia.)

Durante a maior parte do tempo de construção da cena a criança permaneceu em silêncio, concentrada na seleção dos objetos que colocou na caixa.

Após um longo tempo em silêncio:

NBR: “- Tem mais peça dessa?” (Mostrando as peças do pequeno engenheiro.)

NBR: “- Eu já peguei uma lagartixa dessa.” (Mostrando a lagartixa.)

Observadora 1: É mesmo!!!

Voltou ao silêncio novamente.

NBR: “- Terminei.”

Observadora 1: Terminou? Deixa eu ver como ficou... Nossa ficou muito lindo! Muito lindo!

NBR, quando o seus pais ou outras pessoas contam as histórias, que você gosta de ouvir histórias né? Sempre tem em cada história um título ou o nome para a historinha, não é verdade?

(A criança concordou balançando a cabeça.)

Qual o nome que você gostaria de dar aqui, pra esta história? (mostrando o que foi montado na caixa de areia). O título dessa historinha aqui.

Após um momento de silêncio a observadora 1 insiste: Dá um nome para essa historinha que você contou aqui.

Pensou um pouco, olhou dentro da caixa de areia.

NBR: “- Como que é o nome daquele filme dos dinossauros?”

Observadora 1: Jurassic?

NBR: “- É”

Observadora 1: Qual será o nome?

NBR: “- Jurassic Park”

Observadora 1: Agora me fala sobre esse Jurassic Park que você criou. Me conta a história sobre tudo o que você colocou aqui.

4.5.2 Dinâmica

A criança inciou tocando a areia após ser incentivado, explorou sua textura por alguns minutos enquanto a observadora passava as orientações sobre o que ele deveria fazer com o material a sua disposição. Em seguida puxou a caixa com os objetos para si e, em silêncio, a explorou minuciosamente. Observou atentamente cada objeto e passou a pegá-los e posicioná-los na caixa de areia. Iniciou pelos vasinhos e graminhas, os espalhou pela caixa. Após organizar uma certa quantidade de plantinhas, passou a posicionar os dinossauros. Retomou as plantinhas, em seguida a formiga, a aranha (a observou atentamente) e a lacraia. Organizou os blocos como uma barreira, um muro onde colocou os 2 carros maiores e a moto. Por último colocou os bonecos.

Observou atentamente sua caixa e decidiu tirar alguns objetos para construir um lago onde colocou $\frac{1}{4}$ da água. Colocou uma tartaruga na margem. Pegou a miniatura de balde encheu de água para lavar suas mãos e aproveitou para colocar um pouco mais de água no lago. Deixou o balde com água na cena.

Puxou a caixa para si e pegou a miniatura de carrinho de mão e o encheu de areia para incluir na cena também. Tirou a areia da mão, passando uma na outra e então voltou-se a caixa, a explorou mais um pouco. Afastou a caixa limpou a areia das mãos, da mesa e avisou que havia concluído sua cena.

A criança fez sua cena em 25 minutos.

Durante os questionamentos da observadora 1 a criança permaneceu de cabeça baixa explorando a lagartixa que tirou da caixa.

Durante a narração da história, a criança manteve a caixa com os objetos ao seu lado e continuou manuseando o que estava dentro revezando enquanto apontava os objetos da caixa de areia.

4.5.3 Produto

4.5.3.1 Título – Jurassic Park

NBR: “- Essa é a ambulância se acaba se machucando.” (Indicou a ambulância.)

NBR: “- E também, esse aqui pra algumas coisas, esses dias quebrar, ir rápido para consertar também.” (Indicou a pickup.)

Observadora 1: E o que mais?

NBR: “ - Ainda tem uma formiga, esqueço o nome dela (aranha) e dessa também.” (Indicou a lacraia no cantinho da caixa.)

Observadora 1: Uma lacraia...

NBR: “ - É.”

Observadora 1: E uma formiga. E você quis colocar elas aí por quê? Nesse cantinho...

NBR: “ - Por causa lá em casa é..., tem no quintal assim... nos cantinhos das paredes, tem um formigueiro pequenininho.

Observadora 1: Pequeninho? São bem pequenininhas as formiguinhas ou são grandes?

NBR: “São pequenininhas, as aranhas são grandes.”

Observadora 1: E você gosta das formigas? Gosta?

NBR: “Eu já peguei uma na minha mão.”

Observadora 1: E aqui nesse cantinho aqui, por que você fez isso daí? Conta aí, a história pra nós. (Mostrando o canto superior esquerda da criança.)

NBR: “- Coloquei pra pode os animais bebe água e esse baldinho pros, pras pessoas pode tomar banho.” (Sorriu.)

Observadora 1: Ah, para tomar banho. Que legal! E aqui nesse cantinho aqui (Indicou a parte superior a frente da criança.) da história, o que é? O que aconteceu?

NBR: “ - Esse negócio eu fingi que era de terra para poder plantar alguma coisa. Um pé de coco, as plantas pros bicho come e a moto pra poder sair”

Observadora 1: É pra eles poderem sair? (Mostrou os 2 bonequinhos juntos no canto inferior a direita da criança, junto aos carros.)

NBR: Confirmou balançando a cabeça.

Observadora 1: E quem são esses aqui?

NBR: “- Eu vou criar um nome. Maria e João.

Observadora 1: E essa Maria e João da sua história, como é que eles são? Eles são o que? Uma menina e um menino, um homem e uma mulher? Como é que são?

NBR: “- Um homem e uma mulher”.

Se a caixa fosse um pouquinho mais grande, eu ia por mais coisa.

Observadora 1: Ah, você gostaria que fosse maior?! Você gostaria de por mais coisas?! Você é bem criativo! Parabéns! Agora, você gostaria de falar mais alguma coisa sobre essa historinha que você montou?

NBR: “- Só foi isso.”

Observadora 1: Agora que você terminou de contar a sua história, nós queremos saber quem é que está ensinando e quem é que está aprendendo?

NBR: “- João tá ensinando e Maria aprendendo...”

Observadora 1: De que forma a Maria aprende? Como que ela aprende?

NBR: “- Sobre a natureza, pra poder sobreviver.”

Observadora 1: E quem tá ensinando lá, como é que ele ensina?

NBR: “- Como aí não tem folha, eles pegam alguma pedra ou madeira e corta em quadrado e escreve com uma pedra.”



4.5.4 Análise crítica: questões subjetivas

Observamos o interesse da criança em executar prontamente a atividade, esteve atento aos detalhes como posicionar adequadamente cada objeto e em usar todo o material oferecido. Isso demonstrou sua preocupação em executar suas atividades da melhor forma possível, seu capricho e organização mais uma vez se evidenciaram e seu desejo e envolvimento no ato de aprender. Constatamos sua flexibilidade em procurar auxílio quando não consegue fazer algo ou encontra algum obstáculo que não consegue solucionar sozinho, costuma recorrer a ajuda de um adulto.

Sentiu-se um pouco desapontado em não poder posicionar todos os objetos.

Constatamos novamente seu interesse em observar detalhes como os formigueiros nos cantos das paredes e o surgimento de pequenos insetos ou animais.

NBR enfatiza o fato de Maria e João não terem material apropriado para o ato de aprender e a necessidade de improvisação. A temática da aprendizagem reside na necessidade de aprender a sobreviver em um ambiente hostil.

4.6 CAIXA DE AREIA E PAR EDUCATIVO (2ª)

4.6.1 A temática

Observadora 1: Agora nós vamos tirar tudo.

(Manteve silêncio enquanto removia os objetos.)

Observadora 1: Agora você vai montar o cenário de uma situação que aconteceu com você em que teve muita dificuldade para aprender. Um dia, um momento em que você teve muita dificuldade para aprender e que não esqueceu.

Agora você pode criar esse cenário, do que você lembra que aconteceu?

NBR: “- Me ajuda a tirar os soldados dos bichos? Os cachorros pode deixar.”

Observadora 1: Por que você quer deixar os cachorros?

NBR: “- Porque precisam de família e também porque também eles vivem muito na rua. Eu tenho dó deles. Quando crescer, eu já falei que eu ia ser pastor e também ia ajudar os cachorros, que moram na rua, construir um canil e depois doar pra alguma pessoa.”

Observadora 1: E você tem cachorro na sua casa?

NBR: “- Tenho um só.”

Observadora 1: E como ele chama?

NBR: “- Fred.”

(Após algum tempo em silêncio, pegou a lagartixa e a explorou em suas mãos. Apertou.)

NBR: “- Gostei da lagartixa.”

Observadora 1: Por que você gostou da lagartixa?

NBR: “- Porque tem o formato quase real.”

(Passado algum tempo.)

NBR: “- Vou colocar os bebês como crianças.”

(Passado mais algum tempo.)

NBR: “- Pode por um pouco de areia fresca, por favor?” (Indicou o local.)

4.6.2 Dinâmica

Misturou a água do lago na areia toda na tentativa de se livrar da água. Espalhou a areia molhada e misturou com a seca e chacoalhou a bandeja para misturar.

Em seguida, começou a selecionar os objetos para compor a nova cena. Pegou os dinossauros, cachorros e puxou a caixa de areia para si, mas retomou a caixa para separar os blocos do pequeno engenheiro.

Começou a montar na mesa, mas foi lembrado de voltar a caixa de areia. Guardou todos os blocos na caixa e reiniciou a montagem da cena selecionando alguns.

Ao mudar o posicionamento de um dos bloquinhos, o limpou e depois limpou suas mãos da areia.

Solicitou mais blocos por duas vezes, mas não havia mais nem retangulares nem quadrados. Ajustou o tamanho do quadrado que desejava construir à quantidade de peças disponíveis.

Plantou a árvore (pé de coco), graminhas. Separou na mesa as plantinhas, retirou algumas da caixa de areia. Retomou a caixa e pegou os bonequinhos (bebês).

Pegou os bloquinhos menores para usar como assentos para os bonequinhos (bebês).

Solicitou mais areia seca.

Observou atentamente as peças que havia separado antes, pegou apenas 1 aranha e a colocou de lado, então pediu mais um pouco de areia.

Colocou os carros e ficou com a lagartixa próxima a si.

4.6.3 Produto

Observadora 1: Agora conta pra gente a história sobre esse momento que você realizou dizendo em que momento você sentiu dificuldade. O que aconteceu?

NBR: “- Um dia eu estava na sala de aula, era o meu 1º dia. Eu não sabia de nada ainda e foi difícil pra aprender. Aí eu conheci novos amigos também e eu ganhei uma caixa de lápis.

Na primeira lição que eu... E na primeira lição que ela (professora) deu foi um pouquinho difícil, mas eu consegui fazer.”

Observadora 1: E o que mais?

NBR: “- Aí também eu não sabia que ia ter recreio e a professora muito legal.

Lá tinha ônibus...”

Observadora 1: Ônibus da escola?

NBR: “- É, e alguns formigueiro.

De vez ‘enquando’ entrava cachorro. Quando eu via, era no recreio.

Aqui só fiz um parque, um estacionamento, aqui é lugar das planta porque lá tinha muita planta num lugar lá.”

Observadora 1: Quando você estava nesse momento aí na escola que você falou que foi seu primeiro dia de aula em que série você estava? Em que ano você estava?

NBR: “- No primeiro ano.”

Observadora 1: Então você achou muito difícil esse dia? Foi difícil pra você aprender? (A criança manteve silêncio e ficou de cabeça baixa manuseando ainda a lagartixa.)

E nesse parque aqui, como que foi?

NBR: “- Se tivesse balanço ou algumas coisas eu ia por lá pra tirar a tartaruga.

No laguinho, lá tinha alguns peixes.”

Observadora 1: Aqui nessa sala de aula, quem são estas pessoas? (Apontou o espaço.)

NBR: “- Eu, a professora, eu e meus amigos.”

Observadora 1: Você e seus amigos? E quem eram os seus amigos? Você lembra dos nomes deles?

NBR: “- O primeiro (amigo) que eu conheci... Não, que eu já era muito amigo dele. O nome dele era Luís Felipe. Eu conheci também... o Rafael, o João são os únicos que eu lembro.”

Observadora 1: E hoje você estuda nessa mesma escola?

(Balançou a cabeça indicando que sim.)

Observadora 1: E o nome dessa professora aqui (apontando para o boneco que representa a professora), você lembra qual o nome dela? Do primeiro ano?

(Balançou a cabeça indicando que não.)

NBR: “- Não. Eu to no 4º agora, o nome da minha professora, dessa que tá mandando lição pra mim, é professora Silvéria.”

Observadora 1: Faz tempo né? E esses animais aqui, você falou que de vez enquanto entra cachorros lá, entra cachorros na escola?

NBR: “- De vez em quando.” (Balançando a cabeça.)

Observadora 1: E esses aqui?

NBR: “- Lá tinha muito formigueiro também, muitas mata. Lá tinha um campo... Campo não, uma quadra com parquinho, lá também.”

Observadora 1: O que você achou da formiga, dos formigueiros?

NBR: “- Eu acho que um dia eu já fiz um experimento com eles (formigueiro), mas eu esqueci como que foi.”

Observadora 1: E você gosta muito das formigas?



4.6.4 Análise crítica: questões subjetivas

A situação descrita pela criança, embora seja uma lembrança que representa um momento de grande dificuldade também representa um dos muitos obstáculos que têm superado com bastante esforço em sua vida acadêmica.

Notamos angústia ao lembrar-se e relatar a vivência do primeiro dia de aula na escola, no 1º ano do Ensino Fundamental I. Relatou que sentiu dificuldade extrema em aprender e em adaptar-se a nova escola, aos colegas e as demandas do novo ciclo. O teste evidenciou que o NBR teve dificuldade na interação social, seu ciclo de amizades resumia-se a 3 ou 4 colegas, sendo um deles já conhecido. Também foi constatado que a criança não possuía os materiais necessários para executar suas tarefas escolares.

A criança demonstra apego pela escola, pelos colegas e pela professora.

4.7 CAIXA DE AREIA E PAR EDUCATIVO (3ª)

4.7.1 Temática

Observadora 1: O que você mudaria, se pudesse mudar, aqui nessa história? O que você faria diferente?

NBR: *“Eu tirava os ônibus. Aqui vou tirar só um. Vou tirar as plantas, alguns carros (do estacionamento) porque tem muita coisa e lá também não tinha bichos. Eu só quis colocar por arte.”*

4.7.2 Dinâmica

A criança retirou os objetos da caixa de areia rapidamente e devolveu na outra caixa.

4.7.3 Produto



4.7.4 Análise crítica: questões subjetivas

NBR demonstra dificuldade de aprendizagem desde o 1º ano do Ensino Fundamental I e dificuldade de interação com outros colegas por nutrir o sentimento de inadequação ao grupo, pois aparentemente interagiu somente com três crianças durante o ano letivo mencionado.

Demonstrou que não tinha condições financeiras para possuir alguns materiais escolares, na cena descrita ele propõe o uso da pedra ou folha das árvores como caderno para poder continuar aprendendo. Era comum que ficasse muito tempo sozinho, então observava tudo ao seu redor minuciosamente, como formigueiros, os animais que entravam na escola e o parque, salientou esses elementos em sua narrativa.

Podemos concluir que a criança, de modo geral, demonstra crenças funcionais em relação ao processo de ensino e aprendizagem. No entanto, sugere-se novas avaliações sócioafetivas para se observar mais profundamente a interação da criança com seu meio ambiente já que não foi possível concluir a presente área.

4.8 AUTORREGULAÇÃO EMOCIONAL (CRENÇAS DE AUTOEFICÁCIA)

Os testes indicaram que NBR tem fortes crenças de eficácia, quando mediante a um desafio busca formas de aprender e superá-lo. Quando sente dificuldade em realizar suas tarefas procura auxílio em sua família, em sua professora ou colegas. Também recorre a outras fontes de conhecimento como, por exemplo, os meios de comunicação.

É uma criança atenta, observadora, comunicativa e tem bom relacionamento com os pais. Gosta da escola, da professora e dos colegas.

4.9 ÁREA PEDAGÓGICA

A avaliação do nível pedagógica da criança tem por objetivo constatar se o nível de desempenho da criança está adequado a sua idade cronológica e/ou ao ano escolar e identificar possíveis déficits ou dificuldades de aprendizagem específicas nas áreas de Língua Portuguesa, Aritmética e Leitura.

Em Língua Portuguesa, por meio do ditado, avalia-se a habilidade na escrita, a ortografia de palavras regulares e irregulares e o nível na hipótese de escrita também avalia-se a competência na leitura de palavras isoladas e o nível na hipótese de leitura. A relevância da escrita e da leitura na vida a criança está relacionada a sua inserção social, tendo em vista o caráter interdisciplinar destas habilidades. Na Aritmética visa avaliar o nível de proficiência nas quatro operações básicas, procedimentos utilizados no cálculo e resolução de expressões.

Segundo Weiss (2001, p. 91 e 92) a avaliação pedagógica:

Usará situações em que o ler e escrever tenha significado para o paciente...É preciso que se tenha uma correlação entre a qualidade do que o paciente pode produzir como texto ou obter como leitura e a exigência a que está submetido na escola. O desrespeito ao ritmo de construção da criança ao ler e escrever pode criar uma dificuldade que avoluma um “bola de neve”.

O objetivo das provas pedagógicas é avaliar aprendizagem da criança e como se relaciona com os conteúdos e com o que aprendeu e como utiliza esse conhecimento em seu cotidiano.

4.10 RESULTADO AVALIAÇÃO DO NÍVEL PEDAGÓGICO

4.10.1 Interpretação dos Resultados T.D.E.

Tabela 3 - Classificação a partir dos Escores Brutos – 4ª ano

Escore Bruto				
Classificação	Escrita	Aritmética	Leitura	Total (EBT)
Superior				
Medio				
Inferior	11	06	64	81

4.10.2 Interpretação dos Resultados

A criança apresenta desempenho nível inferior nos subtestes de escrita, aritmética e leitura.

Quanto ao desempenho de N.B.R no teste como um todo, observa-se que ficou situado no nível inferior tanto para o ano escolar quanto pela idade cronológica, pois seu desempenho em Escrita foi compatível com a idade de 8 anos e Aritmética com a idade de 7 anos. A leitura foi compatível ao esperado para sua idade cronológica.

Podemos concluir que a criança está em nível inferior tanto na escrita quanto na Aritmética o que sugere a necessidade de apoio pedagógico nestas áreas.

5 DISCUSSÃO

Os testes na área cognitiva demonstraram que NBR está no estágio operatório concreto o que é adequado para sua idade, no entanto não apresenta organização e estratégias para apreensão dos conteúdos propostos pela escola.

Os testes na área psicomotora demonstraram que NBR apresenta motricidade global boa, embora execute os movimentos com lentidão devido a sua constituição física, apresenta equilíbrio, tem predominância de lateralidade direita, apresenta boa motricidade fina. A orientação temporal foi à área em que a criança apresentou maior dificuldade. Possui noção de velocidade (lento/rápido) e de distância (perto/longe), no entanto, não sabe ordenar dias da semana, não soube informar a quantidade de dias que compõe a semana nem mencionar os nomes, o mesmo ocorre com os meses do ano. Demonstrou não conhecer as estações do ano, fez menção à apenas 2 duas e não identificou data comemorativa, não soube responder quando é o Natal.

Os testes da área afetivo-social demonstraram que NBR apresenta autoestima negativa, insegurança para realizar suas atividades e dependência acentuada da ajuda de outros para realizá-las sem uma tentativa anterior.

Na área pedagógica observou-se vínculo negativo com o processo de aprendizagem, o que gera interferências em sua aprendizagem e, portanto, em seu desempenho acadêmico. Também foi observado vocabulário limitado evidenciado pela dificuldade de comunicar suas ideias e opiniões, argumentar e justificativar.

NBR apresenta dificuldade de aprendizagem e autoestima negativa o que indica a necessidade de acompanhamento psicopedagógico, atendimento pedagógico diferenciado e, simultaneamente, psicológico para que haja o resgate de sua autoestima, estabeleça vínculo positivo com a aprendizagem e seja propiciado o seu êxito acadêmico.

6 RECOMENDAÇÕES (HIPÓTESE PARA ACOMPANHAMENTO DO PROCESSO: RELACIONAMENTO / HÁBITOS E NORMAS EM AULA) E INDICAÇÕES

Consideramos necessário o acompanhamento e a intervenção neuropsicopedagógica para assessorar a criança no desenvolvimento de organização e estratégias de estudo eficazes. Simultaneamente, recomendamos acompanhamento psicológico para que haja o resgate de sua autoestima e pedagógico diferenciado para viabilizar o êxito acadêmico.

Recomendamos a família:

- Reservem um local tranquilo, bem iluminado e arejado para os momentos de estudos que devem ocorrer, preferencialmente, sempre no mesmo horário para que se estabeleça uma rotina.
- Acompanhem a realização das tarefas dando as orientações necessárias à criança, incentivando-a a encontrar as respostas sozinhas. Nunca ofereçam simplesmente as respostas, dê a oportunidade da criança pensar sobre e buscar as possíveis soluções.
- Valorizar o esforço mesmo que não haja êxito.
- Usar palavras/expressões de motivação e incentivo.
- Ter momentos de leitura em família de diversos temas e gêneros textuais (jornal, revista em quadrinhos – gibis, revistas e livros de histórias adequados a idade da criança.).
- Ter momentos de jogos em família.

Sugestão: STOP (lista de itens a escrever com a letra sorteada), dominó, jogos de cartas como UNO, mímica, palavras cruzadas, jogos da memória, jogos de tabuleiro como damas, entre outros.

As atividades propostas em família além de auxiliarem no desenvolvimento da criança, fortalecerá o vínculo afetivo entre os membros.

Recomendamos a instituição escolar/professora:

- Sempre que necessário e possível propiciar o atendimento individual à criança tanto para esclarecer dúvidas quanto para motivá-la a realizar as atividades com autonomia.
- Valorizar o esforço mesmo que não haja êxito.
- Usar palavras/expressões de motivação e incentivo.
- Ter momentos de leitura compartilhada (coletiva) e individual de diversos temas e gêneros textuais, assim como produção textual oral e escrita para favorecer a ampliação do vocabulário.
- Ter momentos de jogos pedagógicos e atividades lúdicas.
- Desenvolver projetos que visem a motivação do aprender e a valorização do sujeito aprendente.
- Planejar situações em que a criança possa desenvolver autonomia e identidade propiciando a valorização de seus pensamentos e ações.
- Criar espaço para reforço escolar e/ou recuperação paralela.

Essas recomendações, se colocadas em prática, auxiliará NBR a estabelecer vínculo positivo com a aprendizagem e inviabilizar o fracasso escolar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho experimental se propôs a discorrer sobre o processo de avaliação neuropsicopedagógica para identificação dos fatores que interferem no processo de aprendizagem da criança designada NBR e por meio dos testes, próprios da área da Neuropsicopedagogia, foi possível constatar suas dificuldades pedagógicas e emocionais ao ter que enfrentar o seu não aprender.

Durante o desenvolvimento do estágio nos foi possível perceber o papel relevante do Neuropsicopedagogo mediante as dificuldades apresentadas por crianças e adolescentes tendo em vista que é o único profissional especializado para atuar diretamente nas dificuldades de aprendizagem. Notamos também que este profissional deve desenvolver habilidades específicas como: observação, escuta atenta, atenção, entre outras, além de estar munido de conhecimento teórico, para que seja capaz de fazer uma avaliação proficiente do sujeito aprendente e estabeleça estratégias de intervenção adequadas a cada caso e contexto.

Nos propiciou refletir sobre a responsabilidade, mas também do prazer de poder transformar realidades por meio da intervenção adequada.

O estudo é relevante por contribuir para a demonstração da relevância da atuação deste profissional para assegurar o direito do aprender a todas as crianças mesmo mediante as limitações e dificuldades de aprendizagem.

Entendo que a Neuropsicopedagogia constitui um campo vasto de pesquisa e estudo, propomos como foco de futuras investigações os seguintes temas: Como preparar crianças e adolescentes para a transição de ciclos e as implicações das vivências da aprendizagem no 1º ano do EFI na vida acadêmica do sujeito aprendente.

7.1 CONSIDERAÇÕES ESPECÍFICAS: Ieda Francisco de Azevedo

Durante o tempo realizado no estágio, observei e realizei o que aprendi para desenvolver nas fases de teste com aprendiz.

Percebi que para uma boa realização dos testes com o aprendiz é necessário ter conhecimento sobre o mesmo e tempo adequado para realizar os testes .

A aplicação dos testes exigiu muitas horas, lugar apropriado sem barulho e paciência. O aprendiz manteve sua presença nos horários corretos, para realização dos testes.

Minha experiência com o estágio fez com que desenvolvesse mais aprendizado para um bom profissionalismo.

7.2 CONSIDERAÇÕES ESPECÍFICAS: SANDRA APARECIDA DO NASCIMENTO SANTOS

A aprendizagem é um processo complexo que envolve vários aspectos inerentes ao sujeito, aspectos externos - contextos familiar, social, cultural e educativo e internos – características individuais, orgânicas, emocionais e cognitivas. Aprender é um direito fundamental do ser humano e compreendendo a necessidade da interferência eficaz mediante as dificuldades de aprendizagens surge o neuropsicopedagogo como profissional preparado para atuar e auxiliar a criança e/ou adolescente a superar esses obstáculos e alcançar êxito em sua vida acadêmica.

A experiência do estágio foi extramamente enriquecedora, a despeito das limitações impostas pelo tempo disponibilizado para os atendimentos, porque evidenciou a importância da avaliação, do parecer e da intervenção neuropsicopedagógica no desenvolvimento e aprendizagem da criança que apresenta dificuldades. Também pude constatar na prática a necessidade do trabalho junto a uma equipe multidisciplinar por identificar questões que fogem às atribuições do neuropsicopedagogo.

A oportunidade de poder confrontar a teoria com a prática é insubstituível e saber que por meio da intervenção planejada posso possibilitar à criança vivenciar situações de valorização pessoal e resgate do prazer do aprender é muito satisfatório.

Durante as sessões pude observar o cansaço da criança ao término da bateria de testes o que suponho que poderia interferir, mesmo que discretamente, nos resultados, mas foi muito significativo constatar que cada teste confirmava o que o anterior apontava e confrontar nossas suposições e confirmá-las ou descartá-las.

Sou grata pela dedicação e pelo empenho da Dra. Edna em nos suprir de todo conhecimento possível em um tempo tão restrito para que possamos iniciar nossos atendimentos preparadas e seguras, mas também cientes de que a necessidade de aquisição de conhecimento permanece para que exerçamos proficientemente nossa profissão.

7.3 CONSIDERAÇÕES ESPECÍFICAS: ZILDA SANTOS NASCIMENTO

Diante deste processo foi possível perceber a importância do Neuropsicopedagogo no contexto escolar, onde é possível direcionar e apontar de maneira mais eficaz como trabalhar e agir diante das dificuldades de aprendizagem do aluno.

Através dos testes e observações realizados durante o estágio, foi observando-se as dificuldades que esse aluno apresenta e como isso interfere em sua vida escolar e em sua autoestima.

Concluí que o acompanhamento profissional, apoio da família e dos professores e equipe escolar, irão ajudá-lo a desenvolver habilidades e sua capacidade de aprender e resgatar a sua autoestima e autonomia diante dos desafios que hoje mostram ser um grande obstáculo em seu aprendizado.

REFERÊNCIAS

- Bossa, nácia a. Psicopedagogia no brasil: contribuições a partir da prática. Porto alegre: artmed, 2007.
- Fernández, alicia. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. tradução: iara rodrigues. porto alegre: artmed editora, 1991.
- Branden, nathaniel. Autoestima e seus pilares. 5 ed. São paulo: saraiva, 2000.
- Bee, helen; boyd, denise. A criança em desenvolvimento. 12º ed. Tradução: cristina monteiro. Porto alegre: artemed, 2011.
- Psicomotricidade e aprendizagem , ingrid merkler moraes:
- Fonseca, vitor da. Psicomotricidade. 4ª ed. São paulo: martins fontes, 1996.
- Nascimento, lúcia s. E machado, m. Therezinha c. Psicomotricidade e aprendizagem. 2ª ed., rio de janeiro: enelivros, 1986.
- Leite, sérgio antônio da silva; tassoni, elvira cristina martins. a afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. disponível em acesso em 02 de maio de 2016.
- Weiss, m. L. L. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 8ª ed. Rio de janeiro: dp & a. 2001
- Maturano, e. M. Ambiente familiar e aprendizagem escolar. In: c. A. Funayama (org.). Problemas de aprendizagem: enfoque multidisciplinar, ribeirão preto: legis summa, 1998.
- Maturana, humberto. Emoções e linguagens na educação e na política. Belo horizonte. Ufmg. 1998
- Rubinstein, edith. A psicopedagogia e a associação estadual de psicopedagogia são paulo. In scoz, beatriz judith lima (et al). Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto alegre: artes medicas, 1987.
- <https://institutoneurosaber.com.br/como-e-a-avaliacao-de-funcoes-psicomotoras-em-criancas/>
- <https://psicomotricidade.com.br/sobre/o-que-e-psicomotricidade/>
- <https://www.sbdg.org.br/site/importancia-do-vinculo-com-facilitador-no-processo-de-aprendizagem-de-grupo/>